



Estilos de Vida: Um Retrato da Realidade

Estudo Associativo do Nível Sócioeconômico Sobre os Hábitos de Vida dos Escolares das Escolas da Rede Pública Municipal e Privada de Porto Alegre.

Gaya, A. & Guedes, C.

Resumo

O objetivo deste trabalho foi comparar os efeitos do nível socioeconômico sobre os hábitos de vida, indicadores de crescimento e aptidão física relacionada à saúde em estudantes das redes Privada e Pública de Ensino de Porto Alegre (RS). A amostra foi constituída de estudantes dos dois sexos com idades entre 7 e 14 anos. Para a coleta de informações referente aos hábitos de vida, utilizou-se o inventário EVIA (Sobral, 1992) adaptado por Torres e Gaya (1997). Quanto ao perfil dos indicadores de crescimento, foram determinados a partir das medidas de estatura e massa corporal. Para a aptidão física relacionada à saúde, aplicaram-se as medidas de IMC e os testes de corrida/caminhada 9 minutos, sentar e alcançar (sit and reach) e abdominais (sit up's). Para a análise dos dados, utilizou-se a estatística descritiva (valores absolutos, percentuais, média, desvio-padrão) e inferencial (através do Qui-quadrado). Para todas as análises, adotou-se o nível de significância de 0,05. Os dados foram tratados no programa estatístico SPSS 10.0. Os resultados permitem concluir que, em relação aos hábitos de vida, quanto à organização do cotidiano e prática desportiva, podem-se observar diferenças estatisticamente significativas, independentemente do gênero sexual, a favor do nível socioeconômico mais privilegiado. Os resultados sobre os indicadores de crescimento apresentam índices superiores aos de referência NCHS e a favor do nível socioeconômico mais elevado, independentemente do gênero sexual. Quanto à aptidão física relacionada à saúde, nas medidas de IMC para o sexo masculino, ocorreram diferenças estatisticamente significativas a favor do nível socioeconômico mais privilegiado; no teste de capacidade aeróbia para o sexo masculino, ocorreu

diferença estatisticamente significativa a favor do nível socioeconômico baixo e, para o sexo feminino, a favor do nível socioeconômico mais privilegiado. No teste de mobilidade da coluna vertebral e capacidade de alongamento dos músculos dorso-lombares e isquiotibiais (sit and reach) para os dois gêneros sexuais, ocorreu diferença estatisticamente significativa a favor do nível socioeconômico mais privilegiado; no teste de força/resistência abdominal para o sexo masculino, ocorreu diferença estatisticamente significativa a favor do nível socioeconômico baixo.

Palavras-chave: nível socioeconômico, hábitos de vida, indicadores de crescimento, aptidão física relacionada à saúde.

Introdução

As investigações sobre os estilos de vida em crianças e jovens configuram-se numa abordagem sócio-cultural ainda recente na área da educação física e ciências do esporte. Tal fato provavelmente possa ser justificado: (a) pela preocupação tradicional e ainda predominante nestas disciplinas com as variáveis de cunho quase que exclusivamente biológico; (b) pela emergência de estudos etnográficos que embora enfatizem interpretações de comportamentos culturais diversos, no entanto, têm deixado pouco espaço para a descrição propriamente dita dos fenômenos do cotidiano.

Não obstante, numa revisão mais atenta ao acompanhamento do desenvolvimento humano, num quadro de referências onde predominam as preocupações de ordem sociológicas enfatiza-se a relevância dos estudos sobre os hábitos de vida. Da mesma forma, no âmbito da investigação



pedagógica, tratando-se da compreensão dos fenômenos que envolvem o dia-a-dia de crianças e adolescentes tais indicadores podem subsidiar uma planificação mais adequada das atividades escolares, o que lhe atribui uma importância significativa.

Enfim, as investigações sobre os hábitos de vida, conforme Neto (citado por Serrano, 1996, p.3), revelam que a criança é particularmente sensível às condições de vida que lhe são impostas e ao meio envolvente, respondendo, por sua vez, com alterações do comportamento.

Assim sendo, a compreensão desses comportamentos podem auxiliar a tomada de decisão sobre como desenvolver estratégias pedagógicas mais precisas.

No plano dos estudos do comportamento de crianças e adolescentes são reconhecidas as diversas fontes de influência na formação e no desenvolvimento social.

A família, nos primeiros tempos se constitui no lugar de desenvolvimento social privilegiado. Como afirma Serrano (1996), com base na família a sua relação com o mundo a criança especifica-se, torna-se num modo de vida que inflete os seus comportamentos, e determina por continuidade e oposição o que ele poderá ser no futuro.

Outra fonte de influência concerne ao nível socioeconômico como fator interveniente sobre os hábitos de vida. Malina (1990) refere que os efeitos do nível socioeconômico interferem no modelo de educação, mais ou menos permissivo, e que, portanto, esta é uma variável relevante.

A escola, por sua vez, representa outro marco determinante de grande relevância no desenvolvimento social. Aí nossos alunos encontram um meio favorável onde vão desenvolver trocas de várias ordens; encontram a oportunidade de escolher seus pares e companheiros mais próximos, lhe é proporcionado reconhecer, aceitar e interagir sobre as regras do jogo social mais amplo e sistematizado.

Todavia, não devemos minimizar a influência de outras fontes mais difusas cuja dimensão socializante desempenha papel de muita importância.

Entre outros, como vamos verificar ao longo desta explanação, assume papel muito significativo os

meios de comunicação social e, entre eles, predominantemente destaca-se a televisão.

Os meios de comunicação representam um papel central no que tange a inserção das crianças e adolescentes na ideologia da sociedade global, no contato com mundos e realidades longínquas e no acesso de determinados valores existentes na sociedade.

Cabe ressaltar, no entanto, que os efeitos conjuntos da televisão, do ambiente familiar, da escola e do nível socioeconômico sobre o desenvolvimento da criança e do adolescente são ainda pouco conhecidos. Não se sabe se atuam de forma a reforçar-se mutuamente, ou se, pelo contrário, neutralizam parcialmente e em que medida.

Por outro lado, sabemos pouco como nossos escolares procedem à filtragem destes agentes de socialização.

Desse modo, reconhece-se a imperiosa necessidade de determinar os mecanismos sociais, educativos e culturais que possam favorecer o desenvolvimento harmonioso de crianças e adolescentes.

Assim, entendemos que é da maior importância que se possam renovar as concepções tradicionais de entendimento da infância e adolescência, constituindo os estudos na área do cotidiano e os hábitos de vida um precioso contributo, tanto no que se refere aos efeitos da estimulação ambiental como a procura de novas estratégias.

Destacamos que a justificativa deste estudo se evidencia pela ausência de dados fidedignos relativos aos segmentos da população escolar e de que há indicadores para a realidade brasileira que os hábitos de vida sofrem influência do nível socioeconômico.

Procedimentos Metodológicos e Principais Indicadores dos Hábitos de Vida

Para a coleta de informações dos dados referentes ao cotidiano dos alunos das escolas públicas municipais e privadas de Porto Alegre utilizamos um roteiro de questões (ver anexo 1) baseado no EVIA - Estilo de Vida em Crianças e Adolescentes (Sobral, 1992) adaptado à realidade brasileira por Torres (cf. Torres e Gaya, 1997). Tais questões foram agrupadas



em um conjunto de 4 categorias: (1) indicadores relativos ao nível socioeconômico; (2) organização do cotidiano; (3) participação sócio-cultural e (4) participação em práticas esportivas.

Para a análise das informações, utilizou-se a estatística descritiva referente às ocorrências, em valores absolutos e percentuais. Para as comparações entre os níveis socioeconômicos, estratificados por gêneros sexuais e agrupamentos de idades, na frequência de ocorrência entre os diversos constructos, adotou-se o teste do Qui-quadrado. Para todas as análises de associação, foi assumido o nível de significância de 5%. O tratamento dos dados foi realizado no programa estatístico SPSS 10.0.

A amostra corresponde a um conjunto de 883 crianças na faixa etária entre 7 a 14 anos, sendo 398 do sexo feminino e 485 do sexo masculino.

Assim, tratamos nesta investigação de viabilizar resposta a seguinte questão:

Há associação entre o nível socioeconômico e o perfil dos hábitos de vida no que se refere às categorias: organização do cotidiano, participação sócio-cultural e prática desportiva em escolares de 7 a 14 anos de idade?

Resultados

Organização do cotidiano

Nesta categoria procuramos identificar de que forma as crianças e adolescentes têm organizado o seu cotidiano em relação aos hábitos de sono, as atividades realizadas em casa e fora dela. Pretendemos, além da descrição, identificar possíveis influências do nível socioeconômico.

Hábitos de sono

Sabemos da relevância da aquisição de adequados hábitos de sono em crianças e jovens em fase de crescimento. A quantidade de horas bem como a qualidade do sono são aspectos, que relacionados aos fatores higiênicos, nutricionais e de práticas de atividades físicas constituem-se nos alicerces de um crescimento e desenvolvimento corporal e motor sadio.

Na tabela 2, considerando o agrupamento de idades de 7 a 10 anos e estratificando o nível socioeconômico, observa-se uma frequência menor de ocorrências de escolares do gênero masculino pertencentes ao nível socioeconômico médio-alto (classes sociais "A", "B" e "C") 38,8% do que aqueles

Tabela 1. Composição da amostra por nível socioeconômico, grupos de idade e gênero

	N.S.E. Méd io-alto		N.S.E.Baixo		Total					
	7 – 10 anos	11 – 14 anos	7 – 10 anos	11 – 14 anos						
Gênero	v.a	v.p	v.a	v.p	v.a	v.p	v.a	v.p	v.a	v.p
Masculino	161	33,2	146	30,2	121	24,9	57	11,7	485	100
Feminino	138	34,6	117	29,5	99	24,8	44	11,1	398	100

v.a = valores absolutos
v.p = valores percentuais

Tabela 2. Ocorrências de frequências aos hábitos de sono dos escolares: horários de acordar (valores percentuais)

Gênero	Masculino				Feminino			
	7 – 10 anos		11 – 14 anos		7 – 10 anos		11 – 14 anos	
Grupos de idade	N.S.E	N.S.E	N.S.E	N.S.E	N.S.E	N.S.E	N.S.E	N.S.E
Horários de acordar	médio-alto	baixo	médio-alto	baixo	médio-alto	baixo	médio-alto	baixo
Entre 6-7 horas	5,8	20,8*	3,5	40,4*	3,8	15,3*	2,5	39,5*
Entre 7-8 horas	11,2	29,2*	19,9	43,9*	10,8	38,8*	22,1	51,2*
Entre 8-9 horas	21,8	25,8	14,0	7,0	18,4	25,5	13,1*	2,3
Depois das 9 horas	61,2*	24,2	62,6*	8,8	67,0*	20,4	62,3*	7,0

*possui associação estatisticamente significativa entre os níveis socioeconômicos.



pertencentes ao nível socioeconômico baixo (classes sociais “D” e “E”) 75,8%, que despertam nos horários entre 6 e 9 horas da manhã.

Todavia, no horário após as 9 horas, a frequência de ocorrência se inverte, sendo 61,2% para o nível socioeconômico médio-alto e 24,2% para o nível socioeconômico baixo. Ressalta-se que nos horários, entre 6 e 7 horas e 7 e 8 horas, ocorreram associação estatisticamente significativa a favor do nível socioeconômico baixo, enquanto que no horário após as 9 horas a associação significativa é a favor do nível socioeconômico médio-alto.

Em relação ao gênero feminino, observa-se uma frequência menor de ocorrências de escolares pertencentes ao nível socioeconômico médio-alto (33,0%) do que aquelas pertencentes ao nível socioeconômico baixo (79,6%), que despertam nos horários entre 6 e 9 horas da manhã.

No horário após as 9 horas, a frequência de ocorrência se inverte, sendo 67,0% para o nível socioeconômico médio-alto e 20,4% para o nível

socioeconômico baixo (90,7%), que despertam nos horários entre 6 e 8 horas da manhã.

A frequência de ocorrência se inverte nos horários entre 8 e 9 horas e após as 9 horas, assim, 75,4% pertenciam ao nível socioeconômico médio-alto e 9,3% ao nível socioeconômico baixo.

Sendo assim, independentemente do gênero, os escolares que pertenciam ao nível socioeconômico mais elevado têm como hábito de acordar os horários após as 10 horas da manhã, ou seja, mais tardios. Entretanto, os escolares que estão inseridos no nível socioeconômico mais baixo têm como hábito de acordar os horários entre 6 e 8 horas da manhã, ou seja, mais cedo.

Por outro lado, assistir televisão se constitui, provavelmente na atividade que exerce a mais forte influência relativa aos horários de dormir. Como já referimos anteriormente, o hábito de assistir televisão se revele um interveniente relevante nos hábitos de sono dos escolares, independente do nível socioeconômico.

Tabela 3. Ocorrências de frequências aos hábitos de sono dos escolares: horários de dormir (valores percentuais)

Gênero	Masculino				Feminino			
	7 – 10 anos		11 – 14 anos		7 – 10 anos		11 – 14 anos	
Grupos de idade	N.S.E	N.S.E	N.S.E	N.S.E	N.S.E	N.S.E	N.S.E	N.S.E
Horários de dormir	médio-alto	baixo	médio-alto	baixo	médio-alto	baixo	médio-alto	baixo
Antes das 21 horas	5,4	7,5	0,6	5,3*	3,1	8,2	1,6	14,0*
Entre 21-22 horas	15,3	29,2*	9,4	26,3*	23,1	41,2*	10,7	37,2*
Entre 22-23 horas	27,6	32,5	21,1	33,3	34,4	30,9	21,3	37,2*
Entre 23-24 horas	31,5*	20,8	36,3	24,6	23,8	14,4	43,4*	9,3
Após as 24 horas	20,2*	10,0	32,7*	10,5	15,6*	5,2	23,0*	2,3

*possui associação estatisticamente significativa entre os níveis socioeconômicos.

socioeconômico baixo.

Considerando o agrupamento de idade de 11 a 14 anos e estratificando o nível socioeconômico, observa-se uma frequência menor de ocorrências de escolares do gênero masculino pertencentes ao nível socioeconômico médio-alto (23,4%) do que aqueles pertencentes ao nível socioeconômico baixo (84,3%) que despertam nos horários entre 6 e 8 horas da manhã.

Em relação ao gênero feminino, também se observa um comportamento semelhante ao masculino, ou seja, no agrupamento de idade de 11 a 14 anos observa-se uma frequência menor de ocorrências de escolares pertencentes ao nível socioeconômico médio-alto (24,6%) em relação aquelas pertencentes ao nível

Na tabela 3, considerando o agrupamento de idade de 7 a 10 anos e estratificando o nível socioeconômico, observa-se uma frequência menor de ocorrências de escolares do gênero masculino pertencentes ao nível socioeconômico médio-alto em relação àqueles pertencentes ao nível socioeconômico baixo, nos horários de dormir anterior as 21 até as 23 horas da noite.

Nos horários entre 23 e 24 horas e após as 24 horas, a frequência de ocorrência se altera, sendo 51,7% para o nível socioeconômico médio-alto e 30,8% para o nível socioeconômico baixo.

Em relação ao gênero feminino, observa-se uma frequência menor de ocorrências de escolares



pertencentes ao nível socioeconômico médio-alto (26,2%) do que aquelas pertencentes ao nível socioeconômico baixo (49,4%), que despertam nos horários que antecedem as 21 horas e entre 21 e 22 horas da noite.

Entretanto, nos horários após as 22 a ocorrência de frequência se altera, sendo 73,8% para o nível socioeconômico médio-alto e 50,5% para o nível socioeconômico baixo.

Considerando o agrupamento de idade de 11 a 14 anos, estratificado por nível socioeconômico, observa-se uma ocorrência menor de frequência de escolares do gênero masculino pertencentes ao nível socioeconômico médio-alto do que aqueles pertencentes ao nível socioeconômico baixo nos horários que antecedem as 21 horas até 23 horas da noite.

A ocorrência de frequência se altera nos horários entre 23 e 24 horas e após as 24 horas, assim, 69,0% pertenciam ao nível socioeconômico médio-alto e 34,9% ao nível socioeconômico baixo.

Em relação ao gênero feminino, no agrupamento de idade de 11 a 14 anos, observa-se uma ocorrência menor de frequência de escolares pertencentes ao nível socioeconômico médio-alto (33,6%) do que aquelas pertencentes ao nível socioeconômico baixo (88,4%), que despertam nos horários que antecedem as 21 horas até as 23 horas da noite.

A frequência de ocorrência se altera nos horários entre 23 e 24 horas e após as 24 horas, assim, 66,4% pertenciam ao nível socioeconômico médio-alto e

11,6% ao nível socioeconômico baixo.

Assim, independentemente do gênero, os escolares que pertenciam ao nível socioeconômico privilegiado têm como hábito de sono o horário de dormir mais tardio, após as 23 horas. Entretanto, os escolares de nível socioeconômico baixo têm como hábito de sono os horários de dormir que entre as 20 e 22 horas. Como possíveis justificativas, o comportamento dos escolares pertencentes ao nível socioeconômico médio-alto pode estar associado com as atividades de assistir televisão e jogar videogame, enquanto, que cuidar de crianças pode estar relacionada ao nível socioeconômico baixo.

Atividades realizadas no interior da residência

Observa-se que as atividades que apresentam maiores índices de ocorrência de frequência independente do nível socioeconômico, faixa etária e gênero são: assistir televisão (94,4%), estudar (86,0%), conversar/brincar com amigos (84,6%), escutar música (77,0%) da amostra investigada.

Tabela 4. Resultados gerais das ocorrências de frequências das atividades realizadas no interior da residência (valores percentuais) nos dois grupos

Atividades realizadas no interior da residência	Ocorrência de frequência
Assistir televisão	94,4
Estudar	86,0
Conversar/brincar com amigos	84,6
Escutar música	77,4
Ajudar nas tarefas domésticas	70,7
Leituras de lazer	68,2
Jogar videogame	52,5
Cuidar de crianças	35,2

Tabela 5. Comparação das ocorrências de frequências entre nível socioeconômico das atividades realizadas no interior da residência (valores percentuais)

Gênero	Masculino				Feminino			
	7 – 10 anos		11 – 14 anos		7 – 10 anos		11 – 14 anos	
Grupos de idade	N.S.E	N.S.E	N.S.E	N.S.E	N.S.E	N.S.E	N.S.E	N.S.E
Variáveis	médio-alto	baixo	médio-alto	baixo	médio-alto	baixo	médio-alto	baixo
Assistir televisão	100*	89,3	98,8*	84,2	99,4*	83,8	99,2*	70,5
Estudar	95,5*	64,5	93,3*	70,2	98,8*	65,7	97,5*	61,4
Conversar/brincar com amigos	91,6*	73,6	92,1*	61,4	93,7*	67,7	96,7*	56,8
Escutar música	87,6*	47,9	92,9*	47,4	92,5*	67,7	100*	45,5
Ajudar nas tarefas domésticas	70,8	61,2	63,2*	36,8	85,4*	74,7	78,8	84,1
Cuidar de criança	45,5	41,3	19,5	29,8*	38,5	41,4	22,4	40,9*
Leituras de lazer	88*	33,1	74,2*	40,4	94,3*	33,3	86,3*	22,7
Jogar videogame	88,6*	17,4	81,9*	36,8	57,3*	7,1	42,4*	6,8

* possui associação estatisticamente significativa entre os níveis socioeconômicos.



Observa-se na tabela 5 que, independente do gênero e agrupamento de idades, as atividades realizadas no interior da residência que estão associadas ao nível socioeconômico médio-alto são, predominantemente: assistir televisão, estudar, conversar/brincar com amigos, escutar música, realizar leituras de lazer e jogar videogame. Destaca-se que nessas variáveis as comparações entre os níveis socioeconômicos, estratificados por gênero e agrupamento de idades, ocorreram associações estatisticamente significativas a favor do nível socioeconômico médio-alto.

Ajudar nas tarefas domésticas está, predominantemente, relacionada ao nível socioeconômico médio-alto, com exceção do gênero feminino, pois o agrupamento de idade de 11 a 14 anos apresenta índices de 78,8% para o nível socioeconômico médio-alto e 84,1% para o nível socioeconômico baixo. Não obstante, a variável “cuidar de escolares” apresenta uma realidade diferente, pois segundo os resultados, é uma atividade que está predominantemente relacionada ao nível socioeconômico baixo com exceção do gênero masculino, com idades de 7 a 10 anos, com índices de 45,5% para o nível socioeconômico médio-alto e 41,3% para o nível socioeconômico baixo.

Ressalta-se que assistir televisão configura-se como a atividade predominante no interior da residência, apresentando um índice nos dois grupos de frequência da ocorrência de 94,4%. Comparando os níveis socioeconômicos, estratificando-os por gênero e agrupamento de idades, os índices de frequência de ocorrência das escolares do gênero masculino com idades de 7 a 10 anos são de 100% para as escolares do nível socioeconômico médio-alto e de 89,3% para as do nível socioeconômico baixo. Já para as do gênero feminino os índices foram de 99,4% para as do nível socioeconômico médio-alto e 83,8% para os escolares do nível socioeconômico baixo.

Para os escolares de 11 a 14 anos, do gênero masculino, o índice atinge 98,8% para as escolares do nível socioeconômico médio-alto e 84,2% para as do nível socioeconômico baixo. Para o gênero feminino, 99,2% para as escolares do nível socioeconômico médio-alto e 70,5% para as do nível socioeconômico

baixo. Ao relacionar com informações anteriores, ou seja, aos hábitos de sono, parece aceitável que nossos escolares dedicam seu tempo ocioso para assistir televisão.

Estudar e fazer tarefas escolares corresponde entre as atividades mais realizadas no interior da residência apresentando índice de 86%. Estratificando por gênero e agrupamento de idades e comparando os níveis socioeconômicos, observa-se que para os escolares, de 7 a 10 anos de idade, 95,5% do nível socioeconômico médio-alto e 64,5% do nível socioeconômico baixo informaram que estudavam em casa. Para as escolares, os índices apresentados foram de 98,8% para o nível socioeconômico médio-alto e 65,7% para o nível socioeconômico baixo.

Para o agrupamento de idades de 11 a 14 anos, 93,3% de escolares que pertenciam ao nível socioeconômico médio-alto e 70,2% que pertenciam ao nível socioeconômico baixo informaram que realizavam suas tarefas escolares em casa. Para as escolares, os índices de ocorrências de frequências foram de 97,5% que pertenciam ao nível socioeconômico médio-alto e 61,4% que pertenciam ao nível socioeconômico baixo. A partir dos resultados, observa-se que é boa a frequência dos escolares dos dois grupos que realizavam essa tarefa em casa, apesar de uma ligeira redução com o avançar da idade, nos dois grupos (exceto os escolares de 11 a 14 anos de idade do nível socioeconômico baixo).

Segundo Poletto (2001), esse comportamento pode se justificar sob forma de hipóteses como: a) a necessidade de realizar outras tarefas domésticas ou atividades laborais fora de casa; b) desinteresse pelas atividades escolares; c) menor exigência por parte da escola de tarefas a serem realizadas em casa; d) interesse por outras atividades de tempo livre.

Conversar/brincar com os amigos e escutar música foram outros hábitos frequentes no interior da residência com índices de 84,6% e 77,4%, respectivamente. Em relação a variável conversar/brincar com os amigos, comparando o nível socioeconômico estratificado por gênero e agrupamento de idades, observou-se em relação ao gênero masculino com idades de 7 a 10 anos que 91,6% dos escolares do nível socioeconômico médio-alto e



73,6% do nível socioeconômico baixo, conversam/brincam com os amigos. Para as escolares de mesmo agrupamento de idade, apresentaram os índices de 93,7% para o nível socioeconômico médio-alto e 67,7% para o nível socioeconômico baixo.

No que concerne ao gênero masculino com idades de 11 a 14 anos, 92,1% dos escolares que pertenciam ao nível socioeconômico médio-alto e 61,4% que pertenciam ao nível socioeconômico baixo, realizam esse hábito no interior de casa. Para o gênero feminino, 96,7% pertenciam ao nível socioeconômico médio-alto e 56,8% pertenciam ao nível socioeconômico baixo.

Em relação a variável escutar música, 77,4% da amostra investigada indicaram realizar essa tarefa no interior de casa. Comparando o nível socioeconômico, estratificado por gênero e agrupamento e idades, as informações colhidas demonstram que para o gênero masculino, com idades de 7 a 10 anos, 87,6% de escolares que pertenciam nível socioeconômico médio-alto e 47,9% que pertenciam ao nível socioeconômico baixo, realizam essa tarefa em casa. Para as escolares que indicaram realizar essa tarefa, 92,5% pertenciam ao nível socioeconômico médio-alto e 45,5% ao nível socioeconômico baixo.

Para o agrupamento de 11 a 14 anos, para os escolares, 92,9% de escolares que pertenciam ao nível socioeconômico médio-alto e 47,4% que pertenciam ao nível socioeconômico baixo citaram realizar essa tarefa em casa. Para as escolares, 100% que pertenciam ao nível socioeconômico médio-alto e 45,5% que pertenciam nível socioeconômico baixo indicaram realizar essa tarefa. Salientamos que todas as comparações realizadas entre os níveis socioeconômicos, estratificando-os por gênero e agrupamento de idades, obtiveram associações estatisticamente significativas a favor do nível socioeconômico médio-alto, independente do gênero.

Os resultados sugerem um sensível aumento de ocorrência para o nível socioeconômico médio-alto e uma queda para o nível socioeconômico baixo, independente do gênero e agrupamento de idades no conjunto das variáveis investigadas.

Outro hábito freqüente realizado no interior de casa é ajudar nas tarefas domésticas com índice de

70,7% da amostra investigada. Estratificando-a em nível socioeconômico, gênero e agrupamento de idades, para os escolares de 7 a 10 anos 70,8% do nível socioeconômico médio-alto e 61,2% do nível socioeconômico baixo, indicaram que costumam ter esse hábito. Para as escolares, a freqüência de ocorrência foi de 85,4% para o nível socioeconômico médio-alto e 74,7% para o nível socioeconômico baixo.

Para os escolares de 11 a 14 anos, 63,2% pertencentes ao nível socioeconômico médio-alto e 36,8% que pertencentes ao nível socioeconômico baixo corroboram em ajudar nas tarefas domésticas. Para as escolares, os índices apresentados são de 78,8% para as que pertenciam ao nível socioeconômico médio-alto e 84,1% para as do nível socioeconômico baixo.

Os índices evidenciam uma possível questão de gênero, pois encontramos no gênero feminino um maior ocorrência de freqüência nos dois agrupamentos de idade.

Leituras de lazer e jogar videogame são atividades que apresentam razoáveis índices de ocorrência entre os escolares dos dois grupos. No entanto, além dos resultados mostrarem uma associação estatisticamente significativa a favor do nível socioeconômico médio-alto, a variável “jogar videogame” nos trás evidências de estar, predominantemente, relacionada ao gênero masculino, independente do agrupamento de idades.

Em relação ao gênero, percebe-se que as atividades “cuidar de crianças” e “ajudar nas tarefas domésticas” apresentam índices mais elevados para as escolares do gênero feminino. Segundo Burgos (1997), essas questões parecem confirmar o modelo da divisão de tarefas domésticas entre as mulheres que compõem o quadro familiar, embora se percebe que os escolares já iniciaram sua participação às tarefas que definem o cotidiano doméstico. Torres (1998) encontrou resultados semelhante, no que diz respeito a questão de gênero.

Ressalta-se que as atividades de “fazer leituras de lazer” e “jogar videogame” são atividades, onde existem associações estatisticamente significativas a favor do nível socioeconômico médio-alto, independente do gênero.

Em síntese, observa-se que em relação às



atividades realizadas no interior da residência, assistir televisão, estudar, conversar e brincar com amigos, escutar música, fazer leituras de lazer e jogar videogame são os hábitos em que existe associação estatisticamente significativa a favor do nível socioeconômico médio-alto, independente do gênero. Tal comportamento, corrobora os resultados encontrados por Mota (1991).

Em síntese podemos afirmar que em relação as atividades realizadas no interior da residência assistir televisão constitui o hábito mais frequente superando em muito sua ocorrência na relação com as demais práticas. Em menos intensidade, porém ocorrendo com razoável frequência surgem as atividades de estudar, realizar tarefas domésticas e escutar música.

Cabe sublinhar que detecta-se evidências de estereótipos de gênero principalmente em relação a realização de atividades domésticas mais freqüente para as meninas e jogar “vídeo-game” para os meninos.

Atividades realizadas fora da residência

Tabela 6. Resultados gerais das ocorrências de freqüências das atividades realizadas fora da residência (valores percentuais)

Atividades realizadas no interior da residência	Ocorrência de freqüência
Conversar/brincar com amigos	84,2
Jogar bola	77,0
Andar de bicicleta	63,9
Andar de patins/roller	36,4
Andar de skate	32,7
Ir a danceteria	23,6

Observa-se que os maiores índices de ocorrência de freqüência das atividades realizadas fora da residência são: conversar/brincar com amigos, jogar bola e andar de bicicleta.

Brincar e conversar com os amigos se constitui na atividade com maior freqüência de ocorrência de nossos escolares quando estão na rua, com índice de 84,2%. Comparando os níveis socioeconômicos, estratificando-os por gênero e agrupamento de idades, para os escolares de 7 e 10 anos a freqüência atinge 94,2% para os escolares do nível socioeconômico médio-alto e 65,3% para os escolares do nível socioeconômico baixo. Para as escolares, 95% para as escolares do nível socioeconômico médio-alto e 62,6% para as escolares do nível socioeconômico baixo.

Já para os escolares entre 11 e 14 anos a estimativa é de 93,4% para os escolares do nível socioeconômico médio-alto e 59,6% para os do nível socioeconômico baixo e, para as escolares, 98,3% para as que pertenciam ao nível socioeconômico médio-alto e 56,8% para as do nível socioeconômico baixo.

Segundo estudo realizado por Poletto (2001), as escolares mais jovens divertem-se fora de casa normalmente em áreas próximas as suas casas. Sua mobilidade é restrita por questões de idade e, sobretudo, por segurança. Observa-se, também, que ocorre uma queda na freqüência de ocorrência nos dois gêneros com o aumento das idades, em relação ao nível socioeconômico baixo.

Tabela 7. Comparação das ocorrências de freqüências entre nível socioeconômico das atividades realizadas fora da residência (valores percentuais)

Gênero Grupos de idade Variáveis	Masculino				Feminino			
	7 – 10 anos		11 – 14 anos		7 – 10 anos		11 – 14 anos	
	N.S.E médio-alto	N.S.E baixo	N.S.E médio-alto	N.S.E baixo	N.S.E médio-alto	N.S.E baixo	N.S.E médio-alto	N.S.E baixo
Conversar/brincar com amigos	94,2*	65,3	93,4*	59,6	95*	62,6	98,3*	56,8
Jogar bola	90,6*	71,9	95,7*	71,9	82,7*	34,3	74,3*	47,7
Andar de bicicleta	82*	42,1	74,1*	36,8	87,7*	32,3	60,3*	34,1
Freqüentar danceteria	12,6	9,9	51,3*	3,5	8,8	8,1	66,4*	9,1
Andar de patins/roller	60,9*	15,7	59,9*	10,5	24*	3,0	22,3*	2,3
Andar de skate	40,1*	17,4	32,1*	14	59,1*	31,3*	49,1*	13,6

* possui associação estatisticamente significativa entre os níveis socioeconômicos.



Outra atividade, que apresenta considerável frequência de ocorrência na amostra investigada é “jogar bola” com índice de 77%, sendo uma atividade predominantemente masculina, com 86% para os escolares e 65% para as escolares. No entanto, os dados sugerem que jogar bola, para os escolares possa significar jogar futebol, pois a variável bola de futebol obteve um dos maiores índices, na relação dos materiais para prática de esportes, 85,3%. Já para as escolares possa significar jogar voleibol, pois o índice é de 63,4% para a variável possuir bola de voleibol.

Ao compararmos os níveis socioeconômicos, estratificando-os por gênero e agrupamento de idades encontramos, para as escolares com idades de 7 a 10 anos, 90,6% para os escolares do nível socioeconômico médio-alto e 71,9% para os do nível socioeconômico baixo e 82,7% para as escolares do nível socioeconômico médio-alto e 34,3% para as do nível socioeconômico baixo. Já para os escolares de 11 a 14 anos de idade, 95,7% do nível socioeconômico médio-alto e 71,9% para os do nível socioeconômico baixo e, 74,3% para as escolares nível socioeconômico médio-alto e 47,7% para as do nível socioeconômico baixo.

Entre as práticas de atividades motoras realizadas fora de casa com relativa frequência pelas escolares da investigação é “andar de bicicleta” com índice de 63,9%. Comparando os níveis socioeconômicos, estratificando-os por gênero e agrupamento de idades de 7 a 10 anos, esse hábito ocorre 82% para os escolares do nível socioeconômico médio-alto e 42,1% para os do nível socioeconômico baixo e, para as escolares, 87,7% para as nível socioeconômico médio-alto e 32,3% para do nível socioeconômico baixo.

Na faixa etária de 11 a 14 anos, o comportamento é semelhante, pois os índices de ocorrências são maiores para os escolares do nível socioeconômico médio-alto, com 74,1% e 60,3%, respectivamente e, 36,8% e 34,1% para os escolares do nível socioeconômico baixo.

Andar de patins ou “roller”, andar de “skate” e ir a “danceteria” foram os hábitos relacionados pelos escolares com menores índices de ocorrências, sendo 36,4%, 32,7% e 23,6%, respectivamente. Todavia, ressaltamos que essas atividades quando comparadas

entre os níveis socioeconômicos, estratificando-os por gênero e agrupamento de idades, todos os índices foram superiores e com associações estatisticamente significativas a favor do nível socioeconômico médio-alto, com exceção da variável “ir a danceteria” que houve associação estatisticamente significativa a favor do nível socioeconômico médio-alto, independente do gênero, somente no agrupamento de idades de 11 a 14 anos.

Em síntese, os resultados mostram que para a maioria das atividades realizadas fora da residência, existe associação estatisticamente significativa a favor do nível socioeconômico médio-alto, independente do gênero e agrupamento de idades.

Grupos Sociais

Tabela 8. Resultados gerais das ocorrências de frequências da participação em grupos sociais (valores percentuais)

Participação em grupos sociais	Ocorrência de frequência
Freqüentar clubes	26,3
Atividades religiosas	11,7
Grupo musical	9,6
Grupo de dança	8,1
Grupo de teatro	6,3
Centros comunitários	3,5

Outras atividades de associativismo como a participação em grupos sociais e culturais também é importante para o desenvolvimento global do escolar. No entanto, nossos dados confirmam uma infeliz realidade. São poucos, entre os nossos escolares, que freqüentam essas formas organizadas de associativismo (tabela 8).

Observa-se na tabela 9 que as atividades com maiores índices de ocorrência de frequência entre as atividades de participação em grupos sociais são: freqüentar clubes, atividades religiosas e grupo musical.

Ao compararmos os níveis socioeconômicos, estratificando-os por gênero e agrupamento de idades, observa-se às diferenças de ocorrência de frequência entre os grupos no que concerne a variável “freqüentar clubes”.

Na faixa etária de 7 a 10 anos de idade, para os dois gêneros que pertenciam ao nível socioeconômico médio-alto, possuem índices bem maiores do que àqueles que pertenciam ao nível socioeconômico baixo. E, para a faixa etária entre 11 e 14 anos de idade, o



comportamento foi o mesmo.

Outra atividade de maior ocorrência entre os escolares da investigação está ligada à Igreja. Observa-se um aspecto interessante, em todas as comparações os índices de ocorrência de frequência são maiores a favor do nível socioeconômico baixo, havendo associação estatisticamente significativa apenas para o gênero masculino, nos dois agrupamentos de idades, ou seja, de 7 a 10 anos e de 11 a 14 anos. Levantamos como forma de hipótese a realização da catequese como possível explicação desse comportamento.

Não obstante, as demais atividades como participação em grupo musical (9,6%), dança (8,1%), teatro (6,3%) e centros comunitários (3,5%) reforçam a realidade, de pouca participação dos escolares em atividades associativas.

Entendo que um dos papéis da escola, também é proporcionar maior acesso aos escolares em vivências de caráter esportivo e cultural a fim de progredir e incrementar sua formação. E, segundo os dados coletados torna-se questionável a intervenção da escola.

do nível socioeconômico mais privilegiado quando comparada ao nível socioeconômico baixo.

Locais de preferência para Práticas de Lazer

Tabela 10. Resultados gerais das ocorrências de frequências dos locais para prática de esportes (valores percentuais)

Locais para prática esportivas	Ocorrência de frequência
Parque/prça	52,1
Pátio de casa	34,7
Rua	32,6
Quadra turno oposto da aula	27,0
Condomínio do prédio	20,7
Campo/terreno baldio	18,1

Também, ao perguntar sobre os locais de preferência para as práticas de lazer fora de casa, os locais de maior ocorrência de frequência apresentada foram: praças ou parques, o pátio de casa, na rua, a quadra de esportes da escola.

Os dados permitem observar uma delimitação de espaços quanto aos locais para as práticas de lazer, ou seja, a utilização de praças ou parques, a quadra da

Tabela 9. Comparação das ocorrências de frequências entre nível socioeconômico da participação em grupos sociais (valores percentuais)

Gênero Grupos de idade Variáveis	Masculino				Feminino			
	7 – 10 anos		11 – 14 anos		7 – 10 anos		11 – 14 anos	
	N.S.E médio-alto	N.S.E baixo	N.S.E médio-alto	N.S.E baixo	N.S.E médio-alto	N.S.E baixo	N.S.E médio-alto	N.S.E baixo
Freqüentar clubes	41,5*	2,5	36,6*	5,3	31,1*	3,0	39,3*	4,8
Atividades religiosas	7,2	14*	5,8	17,5*	10,6	16,2	17,2	21,4
Grupo musical	12,6*	5,0	8,8	1,8	21,3*	4,0	6,6	0,0
Grupo de dança	1,0	3,3	1,2	0,0	29,2*	13,1	7,4	4,8
Grupo de teatro	6,8	4,1	2,3	1,8	16,1*	3,0	6,6	2,4
Centros comunitários	2,9	7,4	1,2	3,5	3,1	8,1	0,0	4,8

* possui associação estatisticamente significativa entre os níveis socioeconômicos.

É de extrema importância que se valorize o fato de que as informações colhidas em investigações nos permitam afirmar que a escola se constitui, para a imensa maioria das escolares, como a única oportunidade de acesso a práticas culturais, ou seja, que se os escolares não fizerem teatro, literatura, música dentre outras atividades, dificilmente terão outra oportunidade de fazê-lo (Poletto, 2001).

Sendo assim, os resultados permitem observar que em relação à participação em grupos sociais, na sua maioria, evidenciam um comportamento restrito à classe social médio-alta, ocorrendo associação a favor

escola e o condomínio do prédio são locais predominantemente freqüentados por escolares pertencentes ao nível socioeconômico médio-alto. Entretanto, locais como rua, pátio de casa e os campos ou terrenos baldios são freqüentados, como locais de preferência para as práticas de lazer, por escolares de nível socioeconômico baixo, possivelmente por estarem situados na periferia e com isso possuírem mais espaços físicos e, também, devido ao baixo custo. No que concerne aos espaços utilizados pelos escolares que pertenciam ao nível socioeconômico baixo, Torres e Gaya (1996) encontraram resultados semelhantes.



Em relação aos “materiais para as práticas de lazer”, em todas as variáveis, sendo essas: ter bicicleta, patins/roller, bola de plástico, bola de voleibol, bola de futebol, existe associação estatisticamente significativa a favor do nível socioeconômico médio-alto, independente do gênero e do agrupamento de idades.

anteriormente, existe associação estatisticamente significativa a favor do nível socioeconômico médio-alto. Esses resultados assemelham-se aos encontrados por Gupta (1986), Cauley (1991), Torres e Gaya (1996), no qual evidenciam que a participação em práticas esportivas ocorre de forma desigual, levando em

Tabela 11. Ocorrências de freqüências das variáveis “Locais de preferência para práticas de lazer”

Gênero	Masculino				Feminino			
	7 – 10 anos		11 – 14 anos		7 – 10 anos		11 – 14 anos	
Grupos de idade	N.S.E	N.S.E	N.S.E	N.S.E	N.S.E	N.S.E	N.S.E	N.S.E
Variáveis	médio-alto	baixo	médio-alto	baixo	médio-alto	baixo	médio-alto	baixo
Parque/Praças	58,9*	46,3	49,9	54,4	67,7*	37,4	45,9	35,7
Condomínio	26,3*	5,8	27,9*	1,8	31,1*	11,1	23,8*	4,8
Quadra turno oposto das aulas	34,8*	11,6	32	42,1	23*	11,1	36,9*	14,3
Pátio de casa	31,9	45,5*	20,3	33,3*	37,3	53,5*	27	44,2*
Rua	27,2	55,4*	22,2	54,4*	23	45,5*	17,2	54,8*
Campo/Terreno baldio	18,9	46,3*	11	31,6*	9,9	16,2	5,0	16,7*

* possui associação estatisticamente significativa entre os níveis socioeconômicos.

Para as variáveis “possuir skate” e “possuir chuteiras”, as comparações entre os níveis socioeconômicos estratificados por gênero e agrupamento de idades apresentaram associação estatisticamente significativa a favor do nível socioeconômico médio-alto, exceto a comparação do gênero feminino do agrupamento de 11 a 14 anos de idade que não houve associação.

Quanto à participação em atividades de práticas esportivas regulares e sistemáticas para além das aulas de educação física, ou seja, uma prática esportiva orientada por um responsável sem necessidade de formação pedagógica com pelo menos duas horas semanais, observa-se na tabela 12 que:

consideração o nível socioeconômico, favorecendo àqueles escolares mais privilegiados socialmente.

Considerações finais

Os dados referentes às categorias organização do cotidiano, participação sócio-cultural e participação regular e sistemática de atividade esportiva levantados através do inventário EVIA, permite configurar uma síntese dos aspectos mais relevantes que caracterizam o estilo de vida, comparando os níveis socioeconômicos e considerando às variáveis: gênero e agrupamento de idades.

No que concerne à organização do cotidiano, pode-se inferir que:

Tabela 12. Ocorrências de freqüências da variável “participação em práticas esportivas” (valores percentuais)

Gênero	Masculino				Feminino			
	7 – 10 anos		11 – 14 anos		7 – 10 anos		11 – 14 anos	
Grupos de idade	N.S.E	N.S.E	N.S.E	N.S.E	N.S.E	N.S.E	N.S.E	N.S.E
Variáveis	médio-alto	baixo	médio-alto	baixo	médio-alto	baixo	médio-alto	baixo
Pratica esporte atualmente	75,2*	5,8	65,1*	22,8	56,5*	3,0	53,3*	2,4
Praticava esporte anteriormente	49,3*	6,6	62,2*	26,8	50,3*	8,1	63,9*	11,9

* possui associação estatisticamente significativa entre os níveis socioeconômicos.

Apesar de ter operacionalmente conceitualizado de forma pouco exigente a prática regular e sistemática de atividade esportiva, os dados mostram que independente do gênero, tanto para aqueles que praticam, quantos para aqueles que praticaram

Quanto às atividades realizadas dentro de casa

Observa-se que as escolares pertencentes ao nível socioeconômico médio-alto não possuem os mesmos comportamentos de hábitos de vida do que o grupo de escolares pertencentes ao nível



socioeconômico baixo.

Os dados da investigação demonstraram que “assistir televisão” teve a maior ocorrência de frequência, seguida de “estudar ou realizar tarefas escolares” e “conversar/brincar com os amigos”, “leituras de lazer” e “jogar videogame” possuem associação a favor do grupo de escolares pertencentes ao nível socioeconômico médio-alto, independente do gênero.

A atividade de “ajudar nas tarefas domésticas”, segundo os dados, apresentaram maior incidência em escolares do nível socioeconômico médio-alto, ocorrendo associação apenas com o gênero masculino do agrupamento de idades de 11 a 14 anos e para o feminino do agrupamento de 7 a 10 anos de idades.

A variável “cuidar de crianças”, levando em consideração o gênero, verificou-se uma maior incidência aos escolares do gênero feminino do agrupamento de idades de 11 a 14 anos, ocorrendo associação a favor do grupo pertencentes ao nível socioeconômico baixo.

Em relação ao gênero, percebe-se que as atividades “cuidar de crianças” e “ajudar nas tarefas domésticas” apresentam índices mais elevados para o gênero feminino. Segundo Burgos (1997), essas questões parecem confirmar o modelo da divisão de tarefas domésticas entre as mulheres que compõem o quadro familiar, embora se percebe que os escolares já iniciaram sua participação às tarefas que definem o cotidiano doméstico.

Quanto às atividades realizadas fora de casa

Na maioria das associações entre os níveis socioeconômicos, estratificados por gênero e agrupamento de idades, os maiores índices de frequência de ocorrência foram a favor do nível socioeconômico médio-alto, ou seja, às atividades de conversar/brincar com os amigos, jogar bola, andar de bicicleta, andar de patins/roller e andar de skate, independentemente do gênero, existe associação a favor do nível socioeconômico médio-alto.

Esse fato pode ser associado com a diversificação de materiais de esporte, destacando-se os altos índices nos itens “possuir bicicleta”, “possuir bola” (para os escolares entendendo-se bola de futebol e para as escolares, bola de vôlei) e possuir patins/roller.

Quanto à participação sócio-cultural

Os resultados apontam para uma participação sócio-cultural dos escolares muito restrita devido às atividades associativas ocorrerem em baixa frequência.

Ressalta-se que a participação em clubes sociais desportivos apresenta o maior índice de ocorrência 26,3%,

sucedido de participar de atividades religiosas com 11,7% da amostra investigada.

Independente do gênero, a participação em clubes sócios desportivos, apresenta associação a favor do nível socioeconômico médio-alto. Para a variável participação em atividades religiosas, ocorreram os maiores índices para os escolares do nível socioeconômico baixo. Entretanto, somente para os escolares, dos dois agrupamentos de idades, é que ocorreu associação.

Quanto aos locais preferenciais para as práticas de lazer, os locais de maiores índices foram parques/praças 52,1%, seguido de pátio de casa 34,7% e da rua com 32,6%. Os locais como praças/parques, quadra da escola no turno oposto e condomínios são predominantemente frequentados por escolares pertencentes ao nível socioeconômico médio-alto enquanto que, rua, pátio de casa e campos/terrenos baldios por escolares pertencentes ao nível socioeconômico baixo, sendo esses resultados, independente do gênero.

Em relação aos materiais para as práticas esportivas, com exceção de “possuir skate” e “possuir chuteiras”, todos os demais materiais, independente do gênero, existem associação a favor do nível socioeconômico médio-alto.

Quanto à participação em práticas esportivas

No que se refere à participação em práticas esportivas sistemáticas e regulares, 45,6% da amostra investigada praticam alguma atividade esportiva orientada por um responsável sem necessidade de formação pedagógica com, pelo menos, duas horas semanais, sendo que 51,6% são do gênero masculino e 37,7% do feminino.

Não obstante, 41,2% da amostra indicaram que praticaram alguma modalidade esportiva de forma sistemática e regular, sendo 41,7% para o gênero masculino e 40,6% para o feminino.

Entretanto, tanto para aqueles que praticam quanto para aqueles que praticaram esporte anteriormente, existe associação a favor do nível socioeconômico médio-alto, independente do gênero.

Enfim, estes resultados nos mostram um perfil do comportamento cotidiano dos escolares de Porto Alegre. Certamente, é incompleto, muitas outras informações seriam necessárias para a construção de uma paisagem mais representativa. Entretanto, é um ponto de partida. A partir de um determinado ambiente familiar, social que instituem as normas, os valores, as leis. De certa forma tentamos dar início a um longo processo que nos permitirá entender os mecanismos sociais, culturais e educacionais que favoreçam o adequado desenvolvimento global de nossos escolares.



Referências

- ALMEIDA, H.; WICHERHAUSER, P. M. *O critério ABA/ABIPEME: em busca de uma atualização*. São Paulo: ABIPEME, 1991.
- BEHRMAN, R.E.; KLIEGMAN, R.M.; NELSON, W.E.; VAUGHAN, V.C. Crescimento e desenvolvimento. In: *Tratado de Pediatria*. 14ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1994. v.1.
- BENTO, J. O. Introdução ao tema desporto, saúde e bem-estar. In: BENTO, J.; MARQUES, A. *Desporto Saúde e Bem-Estar*. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, 1991. p.17-26.
- BORMS, J. Exercício físico, aptidão física e o novo paradigma da saúde. In: BENTO, J.; MARQUES, A. *Desporto Saúde e Bem-Estar*. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, 1991. p.111-118.
- BOUCHARD, C. Physical Activity, fitness and health: the model and key concepts. In: BOUCHARD, C. et al. (Ed.). *Physical Activity, Fitness and Health*. Champaign: Human Kinetics. 1994.
- BOUCHARD, Claude; SHEPHARD, Roy J.; STEPHENS, Tomas. *Physical Activity, fitness and health: Concensus statement*. Champaign: Human Kinetics, 1993. 102p.
- BRAGADA, J. A. A. *Influência do tempo diário de atividade física na aptidão física de escolares, do gênero feminino, de 9 a 10 anos, provenientes de meios diferentes (rural e urbanos)*. Porto: UP, 1995. Dissertação (Mestrado em Ciências do Desporto), Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade do Porto, 1995.
- BRANDT, L.A. *Características do crescimento e aptidão física em escolares de 10 a 14 anos: um estudo longitudinal*. Santa Cruz do Sul: Faculdade de Educação Física, Universidade de Santa Cruz do Sul, 1998.
- BURGOS, M.S. As atividades lúdico-desportivas e sua relação com o desenvolvimento integrado da personalidade em crianças de 7 a 11 anos. Salamanca: Espanha, 1997. Tese (Doutorado Ciências da Educação), Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Sessão CC. da Educação, Universidade Pontifícia de Salamanca, 1997.
- CARDOSO, Lisiane T. e. *Hábitos de vida de escolares de uma escola de rede municipal de ensino de Porto Alegre*. Monografia (Curso de Especialização em Metodologia do Ensino da Educação Física), Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996, 54p.
- CARDOSO, M.F.S.; SIQUEIRA, O.D.; CARDOSO, L.T. Estrutura da performance desportiva: um estudo referenciado ao futsal na categoria juvenil. In: BRASIL. *1º Prêmio Indesp de Literatura Esportiva*. Brasília: Ministério do Esporte e Turismo, Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto, 1999. v.1.
- CARDOSO, Lisiane T. e; GAYA, Adroaldo. Hábitos de vida: um estudo exploratório sobre a influência do nível socioeconômico e do gênero no cotidiano de jovens atletas. *Revista da Faculdade de Educação Física da U.A.*, v.1, n.1-2, p.85-96. Jan.-dez. 2000.
- CAULEY, J.A. et al. Physical activity by socioeconomic status in two population based cohorts. *Medicine and Science in Sports and Exercise*, Indianapolis, v.23, n.3, p.343-351, 1991.
- COOPER, K.H. *Saúde e a boa forma para seu filho*. Rio de Janeiro: Ed. Nórdica, 1992.
- COSTA, O. Desporto e qualidade de vida. In: BENTO, J.; MARQUES, A. *Desporto Saúde e Bem-Estar*. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, 1991. p.53-60.
- COSTA, C. M. A. Os hábitos de vida que contribuem para a doença: a concepção dos clientes de um programa de reabilitação cardíaca. In: V Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa, 1997, Maputo. *Actas*. Maputo: 1997, v.1, p.299-306.
- DAMASCENO, A.; PRISTA, A. Fatores de risco de doenças cardiovascular em escolares e jovens de Maputo. In: PRISTA, A.; MARQUES, A.; MAIA, J. *10 Anos de Atividade Científica*. Porto: Faculdade de Ciências de Educação Física e Desporto, Universidade do Porto, 2000. p.136-137.
- DUARTE, A. M. A prática desportiva como ocupação dos tempos livres: um passatempo ou uma necessidade? In: BENTO, J.; MARQUES, A. *Desporto Saúde e Bem-Estar*. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, 1991. p.187-192.
- DUARTE, M.D. Aptidão física e indicadores antropométricos da população escolar do distrito de Castelo Branco dos 10 aos 14 anos de idade, Praticantes de desporto escolar. *Boletim de Educação Física*, Linda Velha, n.17/18, 1999, p.79-94.
- DUARTE, A.M.; SILVA, M. A influência da família no envolvimento desportivo de escolares do ensino secundário da região do Grande Porto. In: II Congresso de Educação Física e Ciências do Esporte dos Países de Língua Portuguesa, 1991, Porto. *Atas*. Porto: Universidade do Porto, 1991, p.611-622.
- FREITAS, Duarte; PRISTA, Antonio; MAIA, José; BEUNEN, Gaston; CLAENSSENS, Albrecht; LEFEVRE, Johan; MARQUES, Antonio; CRESPO, Teresa; RODRIGUES, Antonio *Crescimento e aptidão física: estudo comparativo entre escolares e jovens madeirenses e moçambicanos*. In: V Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa, 1997, Maputo. *Actas*. Maputo: 1997, v.1, p.341-360.
- FRANÇA, A L.; NOGGERINI, M.R.; OYAMA, E.R.; ROSA JR., SOUZA Jr., R.; TAKITO, M. Y. Educação física e níveis socioeconômicos: uma pesquisa com a população urbana de Santana da Paraíba. *Kinesis*, Santa Maria, n.20, p. 39-58, 1998.
- GALLAHUE, David L.; OZMUN, John C. *Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, escolares, adolescentes e adultos*. São Paulo: Ed. Phorte, 2001.
- GAYA, A.C.A.; TORRES, L. Hábitos de vida de escolares de uma escola da rede Municipal de Porto Alegre. *Revista Perfil*, Porto Alegre, n.1, p.24-37, 1997.
- GONÇALVES, H.R. Aspectos antropométricos e motores em escolares de 7 a 14 anos de alto nível socioeconômico. *Revista da Associação dos Professores de Educação Física de Londrina, Londrina*, v.10, n.17, p.71-80, 1995.
- GUEDES, D.P. Estudo da composição corporal entre escolares de 11 a 16 anos de ambos os gêneros. *Revista de Educação Física*, Londrina, v.3, n.6, p.4-8, 1982c.



- GUEDES, D.P. *Crescimento, composição corporal e desempenho motor de escolares e adolescentes do município de Londrina/PR*. São Paulo: USP, 1994. Tese (Doutorado em Educação Física), Escola de Educação Física e Esportes, Universidade de São Paulo, 1994.
- GUEDES, D.P.; GUEDES, J.E.R.P. Sugestões de conteúdo programático para programas de Educação Física escolar direcionados à promoção da saúde. *Revista da Associação dos Professores de Educação Física de Londrina*, Londrina, v.9, n.16, p.3-14, 1994.
- GUEDES, D.P.; GUEDES, J.E.R.P. Associação entre variáveis do aspecto morfológico e desempenho motor em escolares e adolescentes. *Revista Paulista de Educação Física*. São Paulo, São Paulo, v.10, n.2, p.99-112, jul.-dez. 1996.
- GRANDE, N. Perspectivas atuais dos conceitos de saúde e doença. In: BENTO, J.; MARQUES, A. *Desporto Saúde e Bem-Estar*. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, 1991. p.27-32.
- GOMES, M.P.B. *Coordenação motora, aptidão física e variáveis do envolvimento: Estudo em escolares do 1º ciclo de Ensino de duas freguesias do Concelho de Matosinho*. Porto: UP, 1996 Tese (Doutorado em Ciências do Desporto), Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, 1996.
- GRUPTA, S.K. The parent's and teachers's attitudes and reactions towards participation in sports by young athletes of a university in an Indian State. *International Review for the Sociology of Sport*, Munich, v.22, n.4, p.305-315, 1986.
- JIMENEZ, R; PÉREZ, P; GARCIA-MAS, A. Evaluación de la actividad física en población juvenil de Mallorca. *Revista de Psicología del Deporte*, Barcelona, v.8, p.219-230, 1999.
- KRUSE, C. Educação da saúde como tarefa da atuação pedagógica no desporto. In: BENTO, J.; MARQUES, A. *Desporto Saúde e Bem-Estar*. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, 1991. p.97-110.
- LIMA, P. A criança, o exercício e a saúde. In: BENTO, J.; MARQUES, A. *Desporto Saúde e Bem-Estar*. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, 1991. p.329-332.
- LOPES, Vitor P.; MAIA, José. Estudo sobre o contributo de programas de EF para a melhoria da aptidão física em escolares de idade escolar. *Boletim de Educação Física*, Linda Velha, n.17/18, p.53-60, 1999.
- LOPES, Vitor; MAIA, José; MOTA, Jorge. *Aptidões e habilidades motoras: uma visão desenvolvimentista*. Lisboa: Ed. Livros Horizontes, 2000.
- MAIA, J. *Aptidão física. De um posicionamento antropológico a uma perspectiva epidemiológica*. Contexto e Inovação. In: V Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa, 1997, Maputo. Actas. Maputo: 1997, v.1.
- MALINA, R.M. Crescimento de escolares latino-americanas: comparações entre os aspectos sócioeconômicos, urbano-rural e tendência secular. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, v.4, n.3, p.46-75, 1990.
- MALINA, R. M; BOUCHARD, C. *Growth, maturation and physical activity*. Champaign: Human Kinetics, 1991.
- MATOS, Z; GRAÇA, A. Criação de hábitos de atividade física regular: um objetivo central da Educação Física. In: BENTO, J.; MARQUES, A. *Desporto Saúde e Bem-Estar*. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, 1991. p.311-318.
- MATOS, M.G; SARDINHA, L.B. Estilos de vida ativos e qualidade de vida. In: *Promoção da saúde: modelos e práticas de intervenção nos âmbitos da atividade física, nutrição e tabagismo*. Lisboa, 1999. p.163-181.
- MATOS, M.G; SIMÕES, C; CANHA, L. Saúde e estilos de vida em jovens portugueses em idade escolar. In: *Promoção da saúde: modelos e práticas de intervenção nos âmbitos da atividade física, nutrição e tabagismo*. Lisboa, 1999. p.217-240.
- MARQUES, A. Desenvolvimento da resistência na aula de Educação Física. *Revista Horizonte*, v.31, n.6, p.13-19, 1989.
- MARQUES, U.S.M. A exclusão social e a atividade física. In: V Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa, 1997, Maputo. *Actas*. Maputo: 1997, v.1, p.161-176.
- MARQUES, A.T.; GAYA, A. Atividade física, aptidão física e educação para a saúde: estudos na área pedagógica em Portugal e no Brasil. *Revista Paulista de Educação Física*, São Paulo, v.13, n.01, p.83-102, jan.-jun. 1999.
- MONTEIRO, C. A.; ZUÑIGA, H. P. P.; BENÍCIO, M. H. D.; SZARFARC, S. C. Estudo das condições de saúde das escolares do município de São Paulo/SP (Brasil), 1984-1985. Aspectos metodológicos, características socioeconômicas e ambiente físico. *Revista Saúde Pública*, São Paulo, n.20, v.6, p.435-445, 1986.
- MOTA, J. Educação Física e saúde. Que afinidades? In: BENTO, J.; MARQUES, A. *Desporto Saúde e Bem-Estar*. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, p.305-310, 1991.
- MOTA, J.; DUARTE, J.A. Estilo de vida ativo e saúde. *Boletim de Educação Física*, Linda Velha, n.17/18, p.47-52, 1999.
- MORENO, A. Desporto, saúde e bem-estar. In: BENTO, J.; MARQUES, A. *Desporto Saúde e Bem-Estar*. Porto, Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, 1991. p.33-40.
- NAHAS, M.V. *Atividade física, saúde e qualidade de vida: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo*. Londrina: Ed. Midiograf, 2001.
- NAHAS, M.V.; CORBIN, C.B. Aptidão física e saúde nos programas de Educação Física: desenvolvimentos recentes e tendências internacionais. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, São Caetano do Sul, v.6, n.2, p.47-58, abril 1992.
- NAHAS, M.V.; CORBIN, C.B. Educação para a aptidão física e saúde: justificativa e sugestões para implantação nos programas de Educação Física. *Revista Brasileira de Ciências e Movimento*, v.6, n.3, p.14-23, 1992.
- NAHAS, Markus Vinicius; BARROS, Mauro V. G. de; FRANCALACCI, Vanessa. O pentágono do bem-estar: base conceitual para avaliação do estilo de vida de indivíduos ou grupos. *Revista Brasileira da Atividade Física e Saúde*, Londrina, v.5, n.2, p.48-59, 2000.
- NETO, C. Atividade física e as culturas de vida cotidiana de escolares e jovens. In: Congresso Mundial de Educação Física/AISEP, 1997, Rio de Janeiro. *Atas*. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1997. p.36.
- PEREIRA, B. *A infância e o lazer: estudo da ocupação dos tempos livres da criança dos 3 aos 10 anos em diferentes contextos sociais*. Lisboa: UTL, 1993. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa, 1993.
- POLETTI, Ângela Regina. *Hábitos de vida, estado nutricional, perfil de crescimento e aptidão física referenciada à saúde: subsídios para o planejamento de educação física e esportes na escola cidadã*. Porto Alegre: UFRGS, 2001. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano), Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.
- PRISTA, A. Crescimento, atividade física e aptidão física em países não-industrializados: abordagem biocultural em escolares e jovens de Moçambique. *Revista Agon*, Porto, n.2, 1995.
- PRISTA, Antonio. Crescimento, atividade física e aptidão física em países não industrializados: abordagem biocultural em escolares e jovens de Moçambique. In: PRISTA, A.; MARQUES, A.; MAIA, J. *10 Anos de Atividade Científica*. Porto: Faculdade de Ciências de Educação Física e Desporto, 2000a. p.16-31.
- PRISTA, Antonio. A criança e a atividade física: a experiência em Moçambique. In: PRISTA, A.; MARQUES, A.; MAIA, J. *10 Anos de Atividade Científica*. Porto: Faculdade de Ciências de Educação Física e Desporto, 2000b. p.84-92.
- PRISTA, A. Atividade física, exercício e suas relações com o bem-estar e



- saúde. In: PRISTA, A.; MARQUES, A.; MAIA, J. *10 Anos de Atividade Científica*. Porto: Faculdade de Ciências de Educação Física e Desporto, 2000c. p.124-135.
- PRISTA, A.; MARQUES, A.; MAIA, J. Influência da atividade física habitual e do estatuto sócioeconômico na aptidão física em escolares e jovens dos 8 aos 15 anos da cidade de Maputo (Moçambique). *Boletim de Educação Física*, Linda Velha, n.17/18, p.101-110, 1999.
- PRISTA, A.; MAIA, J.; SARANGA, S.; MARQUES, A. *Saúde, Crescimento e Desenvolvimento: Um estudo epistemológico em escolares e jovens de Moçambique*. Maputo: Ed. Multitema, 2000.
- RIBEIRO, E. A segregação social e as atividades desportivas no contexto histórico colonial de Moçambique. In: PRISTA, A.; MARQUES, A.; MAIA, J. *10 Anos de Atividade Científica*. Porto: Faculdade de Ciências de Educação Física e Desporto, 2000. p.328-335.
- RIBEIRO, E. O lazer em Moçambique - a problemática do espaço urbano e dos equipamentos desportivos na Cidade de Maputo. In: PRISTA, A.; MARQUES, A.; MAIA, J. *10 Anos de Atividade Científica*. Porto: Faculdade de Ciências de Educação Física e Desporto, 2000. p.336-345.
- RODRIGUES, Luis P; SÁ, C. *Estudo da caracterização morfofuncional da criança Vianense. Possíveis influências das condições de urbanização no estatuto morfológico e de aptidão física de escolares entre os 10 e 12 anos de idade*. In: V Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa, 1997, Maputo. Actas. Maputo: 1997, v.1, p.383-389.
- SALLIS, J.F. et al. Determinants of physical activity and interventions in youth. *Medicine and Science in Sports and Exercise*, v.24, n.6, 1992.
- SERRANO, J. J. M. *Envolvimento social e desenvolvimento da criança. Estudo das rotinas de vida diária das escolares com idades compreendidas entre os 7 e os 10 anos nos meios rural e urbano*. Lisboa: UTL, 1996. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa, 1996.
- SOBRAL, F. Investigação das relações entre saúde e desporto: história, estado atual e perspectivas de evolução. In: BENTO, J.; MARQUES, A. *Desporto Saúde e Bem-Estar*. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, 1991. p.41-52.
- SOBRAL, F. O estilo de vida e a atividade física habitual. In: FACOEX. *Desenvolvimento somatomotor e fatores de excelência desportiva na população escolar portuguesa. Área do Grande Porto*. Lisboa, Ministério da Educação, v.14, n.4, p.39-49, 1992 (Relatório parcelar).
- TORRES, L. *O estilo de vida em jovens atletas. Estudo exploratório sobre a influência do gênero, do nível sócioeconômico e do nível de prestação desportiva no perfil dos hábitos de vida*. Porto Alegre: UFRGS, 1998. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano), Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.
- TORRES, L.; GAYA, A.C.A. *Relatório do estudo realizado em Arroio dos Ratos/RS*. (Não publicado, 1995).
- TORRES, L.; GAYA, A. A influência do nível sócioeconômico e do gênero no perfil dos hábitos de vida de escolares de 7 a 11 anos praticantes de atividades esportivas extra-classe. In: 16º Simpósio Nacional de Ginástica e Desporto, 1996, Pelotas. *Anais*. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, Escola Superior de Educação Física, 1996. p.44.
- TORRES, L.; GAYA, A.C.A. Hábitos de vida de alunos de uma escola da rede municipal de ensino de Porto Alegre. *Revista Perfil*. Porto Alegre-RS.V.1, n.1, 1997, p. 24-34
- TORRES, L.; GAYA, A.C.A. Hábitos de vida, relações de gênero e práticas esportivas: indicadores para o planejamento da educação física e esporte escolar. *Revista Perfil*. Porto Alegre-RS. V. 4, n. 4, 2000, p. 77-82.
- TORRES, L.; GAYA, A. Hábitos de vida: um estudo exploratório sobre a influência do nível sócioeconômico e do gênero sexual no cotidiano de jovens atletas. *Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde*. Londrina-PR. v.1, n.1-2, p.85-96, jan/dez. 2000.

Abstract

LIFE STYLE: A PICTURE OF REALITY A SOCIAL ECONOMIC ASSOCIATIVE STUDY ABOUT LIFE STYLE OF YOUTH STUDENTS OF PUBLIC AND PRIVATE SCHOOLS OF PORTO ALEGRE

The objective of this paper was to compare the effects of the socioeconomic level on habits of life, growth indexes and physical fitness related to health in students of private and public schools of Porto Alegre city, in the state of Rio Grande do Sul. The sample was constituted of students of both sexes, with ages between 7 and 14 years. For the information collection regarding habits of life, the EVIA inventory was used (Sobral, 1992), adapted by Torres and Gaya (1997). Regarding the growth indexes profile, they were determined from stature and body mass. For physical fitness related to health, the IMC measures, and the 9-min running/walking, sit and reach, and sit-up's tests were applied. For the data analysis, descriptive (absolute and percent values, mean, standard deviation) and inferential (through chi-square) statistics. For all analysis, the significance level of 0.05 was adopted. The data were treated using the statistical software SPSS 10.0. The results allow to conclude that: regarding habits of life, as for the daily-life organization and practice of sports, statistically significant differences can be observed, no matter which gender is, in favor of the most privileged socioeconomic level. The results regarding the growth indexes present indexes higher than the reference NCHS and in favor of the highest socioeconomic level, no matter which gender is. Regarding physical fitness related to health, in the IMC measures for males, statistically significant differences occurred in favor of the most privileged socioeconomic level; in the aerobic capacity test for males, a statistically significant difference occurred in favor of the low socioeconomic level and, for females, in favor of the most privileged socioeconomic level. In the test of spine mobility and stretching ability of dorsal-lumbar and hamstring muscles (sit and reach) for both genders, a statistically significant difference occurred in favor of the most privileged socioeconomic level; in the abdominal strength/endurance test for males, a statistically significant difference occurred in favor of the low socioeconomic level.

Key words: socioeconomic level, habits of life, growth indexes, physical fitness related to health.